

A ESTIGMATIZAÇÃO DA ADÚLTERA NA OBRA *A LETRA ESCARLATE* DE NATHANIEL HAWTHORNE E NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

THE STIGMATIZATION OF THE ADULTERESS IN NATHANIEL HAWTHORNE'S *THE SCARLET LETTER* AND IN THE CONTEMPORARY SOCIETY

ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO¹

Resumo: A obra de Nathaniel Hawthorne narra a história do crime de adultério de Hester Prynne e do pastor Arthur Dimmesdale, que no início da narrativa fica impune, sofrendo apenas com a auto-punição e a culpa que o persegue durante toda a narrativa. A população de Boston se reúne para assistir à execução da pena de Hester Prynne, que se torna uma pária perante os habitantes de Boston. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de teóricos da Literatura e do Direito. O artigo tem por objetivo analisar o adultério feminino na sociedade puritana do século XVII e as consequências deste para a mulher, comparando-o com o adultério no século XXI. Analisar a punição/pena imposta a Hester Prynne e as mulheres atuais quando são flagradas em adultério e a estigmatização da adúltera perante a sociedade. A análise da obra literária se dá sob a ótica dos estudos de Direito e Literatura e nos resultados obtidos percebe-se que pouca coisa mudou em relação ao adultério feminino, apesar de não ser mais crime no Código Penal Brasileiro, pela moral e religião, a figura da adúltera continua sendo execrada publicamente, atingindo sua honra e imagem perante a sociedade. Enquanto o adultério masculino é aceito, a mulher adúltera é estigmatizada até hoje.

Palavras-chaves: Adultério feminino; Pena; Estigmatização; Direito e Literatura

Abstract: Nathaniel Hawthorne tells the story of the adulterous crime of Hester Prynne and Pastor Arthur Dimmesdale, who, at the beginning of the story, goes unpunished, suffering only from self-punishment and guilt that chases him throughout the play. The population of Boston meets to witness the execution of Hester Prynne's penalty, which becomes a pariah before the inhabitants of the city, for being an adulteress. The methodology used was the bibliographical research of Literature and Law theorists. The article aims to analyze female adultery in the puritan society of the seventeenth century comparing it with adultery in the twenty-first century and the consequences of this for women. The analysis of the literary

¹ Mestre em Letras, professora de Direito e Literatura da UniFsa, Teresina – Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8019442960641857>. Email: rrosapi@yahoo.com.br.

work takes place from the point of view of Law and Literature studies and in the results obtained it is noticed that little has changed in relation to female adultery, although it is no longer a crime in the Brazilian Penal Code, by morality and religion, the figure of the adulteress continues being publicly execrated, reaching her honor and image before the society.

Keywords: Female Adultery; Punishment; Stigmatization; Law and Literature.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Nathaniel Hawthorne narra a história do crime de adultério de Hester Prynne e do pastor Arthur Dimmesdale, que acreditando que o marido desta havia falecido se entregaram a uma paixão que será descoberta com a gravidez de Hester e o nascimento de Pearl.

Em frente a Prison Lane a população de Boston se reuniu para assistir à execução da pena de Hester Prynne “a sentença do tribunal legal havia apenas confirmado o veredicto do clamor popular” (Hawthorne, 2012, p. 55). A severidade da pena imposta a adúltera deve servir de exemplo para todos aqueles que assistam à execração pública da condenada, principalmente as mulheres, para que estas não caiam em tentação, cometendo assim um crime perante à lei, pecado mortal segundo a religião e uma afronta a moral da família. Dentre aqueles que assistem à pena imposta a Hester Prynne, as mulheres são as mais revoltadas e as que querem uma pena mais dura ao crime de adultério. Uma mulher adúltera é uma afronta a toda sociedade, não só aos homens. A marca do adultério atinge a todas as mulheres, é como se todas fossem ou pudessem ser adúlteras também e isso as atinge diretamente, não é apenas por ser crime, mas é uma afronta a religião, a moral, aos bons costumes. Assim, todas consideram que Hester Prynne deve ter uma pena rigorosa, para que outras mulheres não caiam em tentação. A pena imposta pelos magistrados foi tida como branda e que não impediria que outras mulheres cometessem adultério.

No Brasil, o crime de adultério que estava previsto no Código Penal no art. 240 foi revogado pela lei 11.106 de 28.03.05. Na prática, não havia uma punição com pena de prisão para quem cometia adultério, pois a pena era de 15 dias a 6 meses de detenção e conseqüentemente ninguém ficava preso por isso. No entanto, a punição no âmbito moral e religioso continua vigente. O adultério feminino, principalmente é visto como

uma afronta a sociedade em geral e a família, a adúltera não é mais apedrejada em praça pública como era antigamente, nos dias atuais o apedrejamento é virtual, a exposição de vídeos de flagras de adultério como foi o caso da bancária Fabíola tornam-se virais e expõem a intimidade de pessoas comuns que têm suas vidas destruídas pelos comentários e memes divulgados nas redes sociais.

No caso de Hester Prynne, contudo, como não raro acontece em outros, a sentença previa que ficasse certo tempo no palanque, mas sem submeter-se ao aperto no pescoço e ao confinamento da cabeça, aos quais o feio aparato tem um forte pendor – esta a mas diabólica de todas as suas características. Sabendo muito bem a parte que lhe cabia, ela subiu o lance de degraus em madeira e, assim, ficou à vista de toda a multidão ao redor, erguida mais ou menos à altura dos ombros de um homem. (Hawthorne, 2012, p.61)

A pena imposta a Hester é que ela ficasse no palanque, exposta aos olhares maliciosos da comunidade, ouvindo impropérios dirigidos a ela e mesmo os que não falavam tinham o ar de reprovação na face.

Qual o objetivo de se estudar uma obra escrita em 1850, bem distante do nosso tempo, que retrata uma situação vivida no século XVII e em que esta obra pode contribuir para a discussão do Direito e Literatura?

Este clássico da Literatura nos chama a refletir sobre a figura feminina no século XVII em que se passa a obra e o nosso século XXI. Como o adultério feminino é visto e representado nestas épocas? De que forma a pena era aplicada no caso de adultério? Hoje permanece como crime ou é apenas uma conduta punida no âmbito da moral e da religião?

O artigo tem por objetivo analisar o adultério feminino na sociedade puritana do século XVII e as consequências deste para a mulher, comparando com o adultério no século XXI.

Analisar a punição/pena imposta a Hester Prynne e as mulheres atuais quando são flagradas em adultério.

2 A LETRA ESCARLATE COMO PENA

Qual a finalidade da pena imposta a Hester Prynne? Os magistrados querem que com a exposição pública dela, juntamente com o “fruto do pecado”, Pearl, que sirva de exemplo para as demais mulheres.

Nas cerimônias do suplício, o personagem principal é o povo, cuja presença real e imediata é requerida para sua realização. Um suplício que tivesse sido conhecido, mas cujo desenrolar houvesse sido secreto, não teria sentido. Procurava-se dar o exemplo não só suscitando a consciência de que a menor infração corria sério risco de punição; mas provocando um efeito de terror pelo espetáculo do poder tripudiando sobre o culpado. (Foucault, 2010, p.56)

As mulheres mais velhas, ao comentarem o episódio de adultério impõem penas mais severas que os próprios magistrados, acreditam que os homens são mais piedosos e que não deveriam ser tão benevolentes com a criminosa, visto que as esposas e filhas dele deveriam ver a punição e ter medo de cometer o mesmo crime.

- Senhoras – começou uma dama de 50 anos e expressão dura -, eu vos direi o que penso. Seria de grande utilidade para o público que nós, mulheres maduras e frequentadoras da igreja de boa reputação, cuidássemos de uma malfeitora como essa Hester Prynne. O que achais, amiga? Se aquela adúltera fosse julgada por nós cinco, que aqui estamos reunidas, será que se safaria com uma sentença como a que reverentes magistrados lhe deram? Ora, eu duvido! (Hawthorne, 2012, p. 56)

Quando uma mulher comete adultério é como se a desonra atingisse todas as demais mulheres, elas se sentem ultrajadas no seu íntimo e revidam com mais violência, desejando penas cruéis “No mínimo eles deveriam ter marcado a testa de Heter Prynne com ferro quente” (Hawthorne, 2012, p. 57), utilizar a Letra Escarlata é insuficiente diante da gravidade do tema cometido.

Note-se que na obra literária pecado e crime do adultério se confundem, ao mesmo tempo, que Hester é julgada pelos magistrados e estes aplicam a lei, também é julgada pelos pastores

Como convém um povo para quem a religião e a lei era quase idênticas, e em cujo caráter ambas eram tão intrinsecamente ligadas que tanto os mais brandos como os mais severos atos de disciplina pública assumiam o mesmo caráter venerável e terrível. (Hawthorne, 2012, p. 55)

Assim, Estado e Religião permanecem juntos em toda a obra condenando a personagem pelo crime cometido, retirando toda a dignidade dela como ser humano, colocando-a numa posição de indignidade. Não basta apenas a culpa que ela sente por ter violado os preceitos do Direito, da Moral e da Religião, isso tem que ser exposto de forma aviltante para que todos vejam e a condenem. A marca é exposta para que Hester e todos em Boston saibam o que ela fez, porque foi condenada e que as pessoas não esqueçam o crime cometido por ela.

Fazer uma cicatriz, deixar um sinal no corpo, em suma, impor a esse corpo uma diminuição virtual ou visível, ou então, caso o corpo real do indivíduo não seja atingido, infligir uma mácula simbólica a seu nome, humilhar seu personagem, reduzir seu *status*. De qualquer maneira, trata-se de deixar sobre o corpo visível ou simbólico, físico ou social, anatômico ou estatutário, algo como um vestígio. O indivíduo que tiver cometido a infração ficará assim marcado por um elemento de memória e reconhecimento. Nesse sistema, a infração já não é aquilo que deve ser ressarcido, compensado, reequilibrado, portanto até certo ponto apagado; ao contrário, é aquilo que deve ser ressaltado, que deve escapar ao esquecimento, ficar fixado numa espécie de monumento, ainda que este seja uma cicatriz, uma amputação, algo que gire em torno da vergonha ou da infâmia, são todos os rostos expostos no pelourinho, as mãos cortadas dos ladrões. O corpo visível ou social, nesse sistema, deve ser o brasão das penas, e esse brasão remete a duas coisas. [Por um lado] à culpa, de que ele deve ser o vestígio visível e imediatamente reconhecível: sei muito bem que és ladrão, pois não tens mãos; e [por outro lado] ao poder que impôs a pena e, com essa pena, deixou no corpo do supliciado a marca de sua soberania. Na cicatriz ou amputação, visível não é apenas a culpa, mas também o soberano. Foi essa tática da marcação que preponderou no Ocidente desde o fim da Alta Idade Média até o século XVIII. (Foucault, 2015, p. 08-09)

Quando é imposto a Hester Prynne que utilize a Letra Escarlate “A”, para que todos na sociedade saibam que ela cometeu o crime de Adultério, o *status* dela é diminuído, não tem mais o respeito dos outros cidadãos, por ser uma mulher casada, agora é aviltada por ser adúltera, por ter traído os sagrados laços do matrimônio. “Foi aquela LETRA ESCARLATE, bordada e iluminada em seu seio com tão fantástico engenho. A letra tinha o efeito de um feitiço que a afastava das relações ordinárias com a humanidade e isolava-a em uma esfera à parte” (Hawthorne, 2012, p. 59).

A perícia com que executa o bordado em suas roupas, chama a atenção de todos, algumas mulheres se queixam que de tão perfeita a *letra escarlate* torna-se um enfeite que a embeleza ainda mais e que por isso não era um castigo, mas que era uma afronta a sociedade. Algumas mulheres querem arrancar o vestido e a marca e vesti-la com andrajos mais apropriados a condição de adúltera dela. No entanto, uma mulher intervém: “ – Ah, paz, amigas, paz! – sussurrou a mais jovem. – Não a deixem escutá-las! Não há ponto naquela letra bordada que ela não tenha sentido no coração” (Hawthorne, 2012, p. 59)

A obra de Nathaniel não é uma história de amor propriamente dita, é uma história de culpa, como a personagem bem diz cada ponto da letra bordada é sentida no coração da adúltera, é marcado pelo sentimento de arrependimento, e durante toda a narrativa a

personagem tenta expiá-la através de suas ações benevolentes. Não havia nada em Boston que obrigasse Hester Prynne a ficar, ela poderia ir embora a qualquer momento, no entanto, ela permanecia no lugar que a condenava a viver sendo olhada como adúltera, xingada, massacrada diariamente pelo desprezo das pessoas. Por que permanecia em Boston, na Nova Inglaterra? Ela justifica que como pecou lá, é justo que pague sua pena naquele local, no entanto, em seu íntimo permanece o desejo de ficar pelo menos próximo ao homem que ama, mesmo que não possa mais tê-lo por perto.

(...)A justificativa em que ela tentava acreditar – aquilo que, enfim, estabeleceu como motivo para continuar morando na Nova Inglaterra – era uma meia verdade e uma ilusão. Aqui, ela dizia para si mesma, desenrolara-se a cena da sua culpa, e aqui deveria desenrolar-se a cena de seu castigo terreno; e assim, talvez, a tortura da vergonha diária pudesse, com o passar do tempo purgar-lhe a alma e conferir-lhe uma pureza diferente de da que havia perdido; uma pureza mais santa, porque resultante de um martírio. (Hawthorne, 2012, p. 83-84)

Beccaria, no capítulo XXXVI, intitulado “De alguns delitos difíceis de serem constatados trata a respeito do adultério, pederastia e infanticídio. Segundo o autor o adultério existe porque é da natureza os dois sexos serem atraídos um pelo outro.

O adultério é crime de momento; cerca-se de mistério, cobre-se com um véu que as leis mesmas fazem empenho em manter, véu necessário, porém de tal maneira transparente que apenas faz aumentar os encantos do objeto que esconde. As oportunidades são tão fáceis, os efeitos tão duvidosos, que é bem mais fácil ao legislador prevenido quando não foi praticado do que reprimi-lo quando já se estabeleceu. (Beccaria, 2003, p.115)

No caso da obra *A letra escarlata* o mistério sobre o cúmplice do adultério de Hester permanece até o final da obra. E mesmo quando o pastor assume ser o cúmplice, muitas pessoas não acreditaram, apesar do “A” está gravado no peito dele. É mais fácil prevenir antes que aconteça o crime, depois de cometido o crime de adultério é mais difícil reprimi-lo. Era um crime tão grave na sociedade da época que a pena era a morte, no entanto, Hester foi poupada pelos seus julgadores, porque seria injusto puni-la e deixá-lo impune.

Segundo Beccaria, o adultério é um crime infamante pois é “uma marca da desaprovação pública, que retira do culpado a consideração, a confiança que a sociedade depositava nele e dessa espécie de irmandade que une os cidadãos de uma mesma nação. (Beccaria, 2003, p. 73)

Hester Prynne surge grávida, de um homem desconhecido que não é o seu marido e que ninguém sabe quem é, o status de mulher casada e séria é abalado, as pessoas perdem a confiança nela, ao chegar nos lugares é olhada com desconfiança pelas pessoas, não é digna da compaixão e do afeto de ninguém, termina por isolar-se com Pearl, o fruto do pecado, nas imediações do povoado, fica à margem da sociedade.

Porque não dependem, de modo algum, das leis os efeitos da infâmia; é necessário que vergonha que a lei inflige esteja baseada na moral, ou na opinião pública. Se se procurasse informar uma ação que a opinião não considera infame, ou deixava de ser respeitada a lei ou as idéias reconhecidas de probidade e de moral deixariam de existir apesar de todas as arengas dos moralistas, sempre impotentes contra a força do exemplo. (Beccaria, 2003, p. 74)

O crime de adultério além de está previsto no código é uma afronta a moral e a religião. A opinião pública expressa na narrativa é de que a punição foi branda para a gravidade do crime. Para algumas mulheres a pena de morte era pena mais justa a uma adúltera. Ao desonrar os votos do casamento, Hester Prynne termina confrontando toda a sociedade.

3 O QUE A LETRA ESCARLATE REPRESENTA

A letra escarlata é um símbolo que :

O vulgo, que, naquela época triste, sempre contribuía com algum horror para os assuntos que lhe atiçavam a imaginação, contava uma história sobre a letra escarlata que a seguir vamos apresentar como uma lenda incrível. Afirmavam que o símbolo não era apenas um tecido escarlata, tingido em uma tina comum, mas que de fato continha as chamas do inferno e cintilava sempre que Hester Prynne caminhava pela rua à noite. Cumpre-nos dizer que abrasava tão profundamente o seio de Hester que talvez o rumor contivesse mais verdade do que a nossa incredulidade moderna esteja disposta a admitir. (Hawthorne, 2012, p.90-91)

No entanto, quando a peste assola Boston, e em outros momentos difíceis de calamidade pública, Hester sempre estava presente, embora fosse tida como pária da sociedade, por ser adúltera, ela acolhia os doentes, cuidava deles com esmero e não havia cansaço que a impedisse de ajudar, e a letra escarlata “Quase sempre vista como símbolo do pecado, nesses casos ela tornava-se a luz no quarto do doente” (Hawthorne, 2012, p. 159)

Pela sua bondade e convicção em ajudar ao próximo, as pessoas começam a olhar Hester Prynne de uma forma diferente, a letra escarlate que a afastou de sua humanidade, de repente criou um novo significado.

Ela era uma Irmã de Caridade ordenada por si mesma, ou, podemos dizer, pela mão pesado do mundo, numa época em que nem ela nem o mundo desejavam esse resultado. A letra era o símbolo da vocação. A vontade de ajudar era tão grande – tanta era a ação e a tanta a solidariedade – que muitas pessoas recusavam-se a interpretar o A escarlate de acordo com o significado original. Segundo diziam a letra significava *Altiva*, tamanha era a dedicação de Hester Prynne para com seus semelhantes. (Hawthorne, 2012, p. 159)

Assim, muitos que a haviam julgado como adúltera, passam a olhá-la de forma diferente, com mais benevolência, por suas atitudes generosas, sem nunca esperar nada em troca, ou mesmo reconhecimento. Os governantes levaram mais tempo que a população para reconhecer que Hester Prynne era uma mulher valorosa, e que o A escarlate não representava toda sua essência feminina, mas que o que antes simbolizava pecado, abominação, adultério, hoje era visto como símbolo de altivez, de generosidade “- Esta vendo aquela mulher com uma letra bordada? – perguntavam os forasteiros. – É nossa Hester...a Hester aqui do nosso vilarejo...que tanto ajuda os pobres, cuida dos doentes e conforta os aflitos!” (Hawthorne, 2012, p. 160).

O efeito do símbolo é muito maior do que apenas atingir a posição social, do respeito de mulher casada, ao desprezo pela mulher adúltera, a beleza feminina de Hester é escondida sob um manto de austeridade, roupas pesadas e fechadas que não deixam perceber a silhueta de seu corpo, cabelos escondidos, olhar perdido e sem o brilho de outrora.

Qualquer atributo indispensável para a sua condição de mulher havia desaparecido. Essa é muitas vezes a sina, e também a reação, da índole e da natureza feminina quando a mulher vive uma experiência de extrema dificuldade. Se mantiver a ternura, ela morre. Se sobreviver, a ternura será arrancada de seu coração, ou – o que resulta na mesma aparência externa – esmagada com tamanha força que jamais poderá mostrar-se outra vez. A última hipótese talvez seja a mais exata. Aquela que um dia foi mulher e por algum motivo perdeu a natureza feminina pode, a qualquer momento, voltar a ser melhor, bastando para tal o toque mágico capaz de motivar a transfiguração. Veremos se Hester Prynne foi assim tocada e assim transfigurada. (Hawthorne, 2012, p. 161-162)

Hester Prynne, ao cometer adultério, além de ser desprovida de sua humanidade, deixa também de ser mulher, sua feminilidade é atacada, ela é a pecadora, a infiel, a que fez com que um homem se tornasse cúmplice de um crime sórdido.

O adultério feminino é pior que o masculino (este é aceito pela sociedade), porque a mulher é a responsável por dá continuidade a espécie, assim ao engravidar de um homem que não é o marido, é uma afronta terrível a sociedade. Um homem não pode e não deve criar o filho de outro homem, acreditando que seja dele, isso fere todos os códigos morais, e religiosos. No entanto, quando um homem casado engravida a amante, este não é confrontado pela sociedade, e sim a amante, a destruidora de lares, aquela que sabendo, ou não, que o homem era casado ousou ter um filho dele. A esta mulher, assim como a adúltera todas as pedras são lançadas. Veja o que Maria Helena Diniz apregoa:

É preciso salientar que sob o prisma psicológico e social o adultério da mulher é mais grave que o do marido, uma vez que ela pode engravidar de suas relações sexuais extramatrimoniais, introduzindo prole alheia dentro da família ante a presunção da concepção de filho na constância do casamento prevista no art. 1.597, do Código Civil, transmitindo ao marido o encargo de alimentar o fruto de seus amores. (...) Já em relação ao adultério do marido, os filhos que tiver com sua amante ficarão sob os cuidados desta e não da esposa, e, além disso, pode ocorrer que a infidelidade do homem seja um desejo momentâneo ou mero capricho, sem afetar o amor que sente pela sua mulher (Diniz, 2004, p. 126-127).

Para piorar a situação de Hester Prynne, o adultério foi descoberto por conta da gravidez, tornando visível a afronta aos preceitos morais, religiosos e jurídicos da época. Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º dispõe que:

XLV - nenhuma pena passará da pessoa do condenado, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido;

Hester Prynne é obrigada a permanecer com a letra escarlate gravada no peito, mas essa condenação não é suficiente, a criança *fruto do pecado* também será penalizada em toda obra, mostrando assim que a pena não se detém apenas na mãe, mas também na filha, que não tem culpa do amor proibido dos pais. Em vários momentos da obra vemos que as pessoas transferem para Pearl todo o desprezo que têm pela mãe. A pena jurídica não é transmitida a filha, mas moralmente e religiosamente, as pessoas a vêem como fruto do pecado, filha do demônio, retiram a humanidade e a inocência de criança de Pearl, que é obrigada a amadurecer mais rápido, perante os olhares de reprovação das

peessoas. “Pearl nasceu na condição de pária do mundo infantil. Ela era um diabrete, emblema e produto do pecado, e portanto não tinha lugar entre as crianças batizadas” (Hawthorne, 2012, p. 95)

A criança durante toda a obra é penalizada pelo adultério dos pais, como os habitantes de Boston não sabem quem é o cúmplice do adultério, isto dá um ar de mistério maior, de sobrenatural, visto que, nenhum homem assumiu espontaneamente a paternidade de Pearl.

Ela se lembrou – entre um sorriso e um calafrio – das conversas entre os habitantes do vilarejo, que sem encontrar o pai da criança em outra parte e percebendo alguns de seus estranhos atributos, haviam chegado à conclusão de que Pearl era cria de algum demônio; como as que, desde os velhos tempos católicos, às vezes veem-se a andar sobre a terra por agência dos pecados da mãe, e a fim de promover algum objetivo vil e maléfico. Luther, segundo o escândalo de seus inimigos eclesiásticos, era uma cria infernal; e Pearl não foi a única criança a quem se atribuiu essa origem pouco auspiciosa entre os puritanos da Nova Inglaterra. (Hawthorne, 2012, p. 101)

No trecho acima, percebe-se que Pearl por não ter pai conhecido, é vista como filha do próprio demônio, o fato da menina ter uma personalidade forte, correr atrás dos meninos e responder aos mais velhos faz com que isso se confirme perante as pessoas. Pearl não é uma criança como as outras e isso é lembrado constantemente na obra. “Era a letra escarlate sob outra forma; a letra escarlate viva!” (Hawthorne, 2012, p. 103)

4 A QUEDA DA LETRA ESCARLATE

Com o passar do tempo, os próprios habitantes da pequena cidade começam a observar que apesar de tudo, Hester Prynne é uma mulher digna e honrada, passam a vê-la de forma diferente, o A não significa somente adúltera, mas Altiva, uma mulher de fibra, que quando todos a desprezaram pelo erro cometido, soube manter sua dignidade. Assim, o próprio Roger Chillingworth diz que a letra escarlate deve ser retirada do peito, que a pena deve ser extinta como se observa no trecho abaixo:

- Ah! Então a Sra Hester quer ter uma palavra com o velho Roger Chillingworth? – perguntou ele, endireitando as costas. – O prazer é todo meu! Senhora, só ouço coisas boas a seu respeito em toda parte! Ainda na noite passada, um magistrado, homem sábio e temente a Deus, estava falando sobre o seu caso, Sra. Hester, e comentou que haviam levantado uma questão sem prejuízo ao bem geral da comunidade, essa letra escarlate poderia ser removida do seu peito. Juro, Hester, eu fiz um apelo ao reverendo magistrado para que a

decisão seja tomada a seu favor quanto antes! (Hawthorne, 2012, p. 166)

Hester tem a oportunidade de deixar de utilizar a Letra Escarlate, mas não se considera digna de que a punição seja revista como se observa no trecho abaixo:

- Os magistrados não têm o poder de retirar este símbolo – respondeu Hester, tranquila. – Se eu não o merecesse, ele cairia sozinho, ou então se transformaria em algo que expressasse um significado diferente. (Hawthorne, 2012, p. 166)

5 A CULPA

A obra de Nathaniel Hawthorne não é uma história de amor como o cinema faz parecer, é mais uma história de culpa. Enquanto, Hester é punida com a Letra Escarlate, o pastor permanece desconhecido como cúmplice do adultério e chegar a participar de forma ativa da condenação de Hester. No entanto, o sentimento de culpa é tão forte dentro dele que aos poucos ele vai adoecendo, vai definhando a olhos vistos. Como pastor é responsável pela orientação religiosa e moral de várias pessoas, um deslize como esse seria uma mácula muito grande na sua honra e algo praticamente impossível de apagar. Mas ao não revelar o segredo que esconde, este vai consumindo-o aos poucos.

As doenças do corpo têm as mesmas cores e peculiaridades do coração e do intelecto a que se relacionam. No caso de Arthur Dimmesdale, o pensamento e a imaginação eram tão ativos, a sensibilidade tão intensa, que a fraqueza do corpo provavelmente se origina aí. (Hawthorne, 2012, p. 124)

Roger Chillingworth, que é médico, se oferece para auxiliar o pastor a descobrir a causa de sua doença e tratá-la de forma adequada, almejando uma cura para que o pastor continuasse com o seu trabalho perante o ministério. Roger se muda para a casa do pastor para melhor tratá-lo, não consegue descobrir a causa da enfermidade e fica bastante intrigado com isso, mas consegue com seus remédios manter um pouco mais a saúde de Artur, sem seus medicamentos, este possivelmente já estaria morto.

Para resumir o assunto logo se difundiu uma opinião segundo a qual o reverendo Arthur Dimmesdale, como tantos outros homens de especial santidade, em todas as épocas do mundo cristão, estava sendo tentado pelo próprio Satanás, ou ao menos por um emissário deste, encarnado como o velho Roger Chillingworth. Esse agente diabólico tinha permissão divina para, durante um tempo, adentrar a intimidade do pastor e urdir atentados contra a sua alma. Nenhum homem sensato hesitaria ao ser questionado sobre o lado que havia de triunfar. As pessoas tinham a esperança inabalável de que o pastor sairia do conflito

transfigurado pela glória que sem dúvida colheria. Até lá, no entanto, era triste pensar na agonia possivelmente fatal que teria de enfrentar até o derradeiro triunfo. Mas, ah, a dizer pela melancolia e pelo terror nos olhos do pastor, a batalha seria dura, e a vitória, incerta! (Hawthorne, 2012, p. 128)

Roger percebe que o que está matando Artur é uma doença da alma, um segredo, um pecado não revelado que o consome diariamente e que insistentemente o médico pede que o pastor revele para que assim seu corpo possa se restabelecer. “O coração, quando se sabe culpado desses segredos, vê-se obrigado a guardá-los até o dia em que todas as coisas ocultas serão reveladas. (Hawthorne, 2012, p. 131)

Alma e corpo estão ligados de tal forma que a culpa não revelada pelo adultério deixa o pastor bastante doente, e também o fato de que apenas Hester foi punida de forma severa pelo pecado que ambos cometeram. Mas como revelar a todos os que acreditam na sua santidade, que ele como homem também é capaz de amar e pecar? Que levado pelos sentimentos humanos foi capaz de amar uma mulher casada, com ela manter relações, ver o fruto desse amor proibido na figura de Pearl e não ter a coragem e dignidade de assumir publicamente que errou e sofrer a punição de seus atos, assim como Hester e Pearl sofreram.

Enquanto Hester permaneceu no meio daquele círculo mágico de ignomínia, onde a crueldade arguta de sua sentença pareceu fixar-se nela para sempre, o admirável pregador estava no púlpito, olhando para baixo, em direção aos súditos, cujos ânimos haviam se entregue a seu controle. O pastor sagrado na igreja! A mulher da letra escarlate no mercado! Que imaginação seria blasfema o suficiente para supor que o mesmo estigma abrasador afligisse a ambos? (Hawthorne, 2012, p. 240)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adultério feminino é tema recorrente na Literatura e é consagrado em várias obras literárias como *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, são alguns exemplos de autores que questionaram e observaram o adultério feminino, as consequências que tiveram na vida de Ema Bovary, Capitu e Luiza, do desprezo da sociedade e amigos, ao suicídio como forma de fugir a opinião pública, as consequências do amor ou paixão adúltera, à destruição da família, a desonra do marido.

No período em que se passa a obra *A Letra escarlate*, século XVII, não havia discussões sobre os direitos da mulher, esta permanecia afeita ao lar e afazeres domésticos, a criação dos filhos, sexo só após o casamento e para a procriação, não era permitida a mulher ter prazer sexual, casamento por amor era algo difícil de acontecer, era por conveniência da família, como foi o casamento de Hester e Roger.

A mulher adúltera é colocada no púlpito para que todos vejam e a desprezem, digam insultos, impropérios, a letra que usa na roupa é o estigma da violação aos sagrados votos do casamento, a desonra do marido, a destruição da família. As pessoas se afastam de Hester Prynne, como se fosse portadora de uma doença contagiosa que pudesse contaminar a todos. No entanto, o uso da letra escarlate fica restrito ao local do crime. Se Hester fosse embora de Boston teria uma vida normal e feliz ao lado de Pearl, mas ela se convencia de que deveria cumprir sua pena no local do crime, no lugar que pecara, que era necessário expiar a culpa e pagar por seus erros e pecados.

No século XXI, em relação ao adultério feminino, pouco ou nada se modificou, após quatro séculos. A mulher adquiriu direitos e deveres que antes não tinha, direito ao voto, exercer uma profissão, independência financeira, pode escolher se quer casar ou não, ter filhos ou não. A Constituição Federal de 1988 no seu âmbito consagra os mesmos direitos a homens e mulheres, não podendo haver discriminação de gênero.

Por que então o adultério feminino no século XXI é visto da mesma forma? Apesar da revolução feminina, do uso do anticoncepcional, da liberação sexual, ainda assim, a mulher é coisificada, vista como objeto pelos homens, o machismo ainda é observado diariamente nas relações sociais. Homens matando mulheres que não quer mais se relacionar com eles é notícia corriqueira e apesar de leis como a Lei Maria da Penha e a do Feminicídio, a violência doméstica permanece fazendo vítimas diariamente. A mulher que comete adultério ou aquela em que paira alguma dúvida sobre sua fidelidade é vítima freqüente de homicídio ou tentativa. O homem não admite que relacionamentos acabam e que sua ex-mulher/companheira possa refazer sua vida ao lado de um outro homem e matá-la é a alternativa para que ela aprenda a respeitá-lo. Em muitos casos, quando não consegue matá-la fisicamente, uma outra alternativa é expô-la perante a sociedade como uma mulher vil, adúltera, que de forma egoísta destrói a família por meros momentos de prazer ao lado de outros homens.

A mulher adúltera não é mais colocada no púlpito de uma praça, hodiernamente sua imagem é disponibilizada na internet, nas redes sociais, como foi o caso da bancária Fabíola, que teve o vídeo expondo a saída dela de um motel com o amante divulgado em vários canais de televisão, inclusive no horário nobre, discussão no twitter, facebook, sites de grande repercussão, algo que era do âmbito privado, que só interessava as partes envolvidas, torna-se público e de interesse nacional.

A exposição na internet alcança uma proporção muito maior, do que na época de Hester Prynne, que ficava restrita aos habitantes de Boston e aqueles que se disponibilizaram a ir vê-la no patíbulo. Em relação à Fabíola foi diferente, o vídeo passou em rede nacional nos jornais de maior repercussão, em horário nobre. Suas redes sociais foram invadidas, as fotos da família, incluindo os filhos menores foram compartilhados em vários grupos, criaram-se memes com a situação, sem observar que vários direitos em relação a imagem das pessoas envolvidas foram violados.

O adultério seja feminino ou masculino pertence ao âmbito privado e deveria interessar apenas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente, mas infelizmente a sociedade gosta de julgar e condenar moralmente esses atos como se fossem de interesse coletivo.

REFERÊNCIAS

BECCARIA, Cesare Bonesara. Dos Delitos e das penas: tradução Deocleciano Torrieri Guimarães. São Paulo: Rideel, 2003.

CABREIRA, Regina Helena urias. A condição feminina na sociedade ocidental contemporânea – Uma releitura de A letra escarlata de Nathaniel Hawthorne. Florianópolis, 2006 (tese)

DINIZ, Maria Helena. Curso de Direito Civil Brasileiro: direito de família, 19. ed. Saraiva: São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 38.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel.. A Sociedade Punitiva: curso no Collège de France. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. (Coleção obras de Michel Foucault)

HAWTHORNE, Nathaniel. A letra escarlata.; tradução de Guilherme da Silva Braga. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.